

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos / Empresa Editora: «União Gráfica» — R. de Santa Marta, 158-Lisboa / Administrador: P. António dos Reis



Depois da construção da Igreja de Nossa Senhora da Fátima, em Lisboa, capital de Portugal, segue-se a do Rio de Janeiro, metrópole dos Estados Unidos do Brasil — O novo templo será construído na rua Riachuelo, 367, no centro da cidade — «Tôdas as nações me chamarão bem-aventurada» profetizou a Santíssima Virgem. Graças Lhe sejam dadas!

Fátima e Estoril

Compulsa ainda hoje, caro devoto de Nossa Senhora da Fátima, um atlas geográfico e examina com cuidado o mapa de Portugal. Já foste muitas vezes em espírito à Fátima, mas hoje deves trilhar outro caminho, um caminho singular.

A oeste de Lisboa, estende-se, à beira-mar, a Riviera de Portugal. Toma-se o combóio em Lisboa o qual, de estação para estação, recebe e despeja multidões de passageiros. A esquerda, misturam-se as águas sujas e impuras do largo Tejo com as águas límpidas e imaculadas do oceano azul. A direita, ergue-se a maravilha manuelina de Belém, outrora convento e hoje asilo de órfãos, e panteão dos grandes homens de Portugal.

E, velozmente, lá vai o combóio avançando sempre entre as águas espelhantes do mar e soberbas vivendas. O estrangeiro

não sabe que mais admirar, se a surpreendente pujança da natureza que aqui, entre serra e mar, se manifesta em toda a sua riqueza e esplendor, se a magnificência das vivendas e palácios que os ricos de Portugal mandaram construir nesta estreita nesga paradisíaca onde só grandes fortunas conseguem obter uns metros de terreno. É aqui que os ricos de todo o mundo se dão rendez-vous.

O centro da Riviera portuguesa é o belo e magnífico Estoril com os seus lindos e cuidados jardins, os seus canteiros atapeitados de variegadas flores, as suas palmeiras cicantes, os seus sumptuosos casinos e o palácio do jogo. Centenas de carros de luxo estacionam cá fora ao brilho do sol, e deixam antever aos pobres mortais a riqueza de seus donos que, no interior do palácio de jogo, dão largas à sua paixão.

Entremos nós também, ao menos por uma hora, neste palácio. No átrio somos recebidos com aquela frieza com que se recebe gente indesejável. É que se conhecem à légua os estrangeiros que vão em peregrinação à Fátima. Sente-se por instinto, que não se trata de actores deste palco. Para isso têm estes porteiros, impecavelmente encasacados, um faro especial. Nos ângulos dos sumptuosos corredores descansam, em pesados *maples*, das fadigas e emoções do jogo de azar, criaturas precocemente envelhecidas. Rindo e conversando comprime-se pelos corredores todo um mundo de prazer, enquanto, lá fora nos pátios, as águas dos repuxos caíndo nos lagos entoam cânticos alegres. No salão dos concertos exibem jovens damas, em excitantes danças, as suas novas, mas aliás decentes, *toilettes*, ao passo que as mais velhas, diante de mesas recheadas de finas iguarias, vão pensando com saúde e desgosto, à vista dos jovens pares de dançarinos, na mocidade tão cedo e para sempre desaparecida.

O centro à volta do qual tudo gira é, porém, a sala do jogo. Merece a pena deter-mo-nos aqui um pouco e examinar o que se passa. Em mesas separadas, sentam-se grupos de jogadores, a maior parte gente já idosa, homens e mulheres, de cabelos grisalhos, com fundas rugas cavadas na fronte, olhos perscrutadores e ansiosos, dedos nervosos carregados de anéis e as fontes latejantes. Sentam-se ali e seguem com a respiração suspensa e olhares sinistros os movimentos do *croupier* que dirige a roleta com a mesma tranqüili-

(Continua na 2.ª pág.)

Às mães

D. Filipa de Lencastre

por Moss

Manchado pelo contacto impuro duma rainha indigna e perversa — D. Leonor Teles, — o trono português é de novo purificado por outra rainha que ficou na História como um modelo de cristã, esposa e mãe exemplar.

Criada nas frias brumas da velha Inglaterra, D. Filipa de Lencastre — o elo da aliança anglo-lusa —, veio expandir e irradiar as suas nobres virtudes no nosso lindo e doce Portugal.

Dotou-a o Senhor dum carácter firme, tão firme que, longe de se deixar influenciar, sabe antes reagir fortemente aos maus exemplos que observava na corte de seu pai. Vendo de perto a perfídia e a corrupção, toma um maior amor à virtude. É assim que reagem as almas nobres.

Profunda e sinceramente piedosa tinha uma nítida compreensão dos seus deveres de esposa, mãe e rainha, esforçando-se por cumprir integralmente esta tríplice missão que Deus colocara nas suas mãos.

Como esposa, D. João I teve nela a companheira que necessitava e merecia e o Senhor fecundou o seu lar com a bênção de oito filhos, alguns dos quais mereceram do nosso grande Épico, o título de «inclita geração, altos infantes».

Como mãe, foi a grande educadora que tão bem soube formar o carácter e as almas desse grupo de heróis, insuflando neles em alto grau o amor a Deus, à Pátria e ao dever.

Prostrada pela doença que a vitimou, quando as asas da morte adejavam já à sua volta, são ainda os filhos a sua preocupação. Poucos momentos antes de expirar é ela que os arma cavaleiros entregando-lhes as espadas que mandara fazer e que pouco tempo depois se haviam de estrear na gloriosa conquista de Ceuta; dá-lhes os últimos e sábios conselhos que o seu coração maternal lhe dita e, por fim, entrega-lhes como última lembrança um fragmento do Santo Lenho que trazia consigo. E depois de os abençoar prepara-se para morrer santamente, pois que santamente tinha vivido. Como rainha, é extraordinária a sua influência na morigeração dos costumes da corte portuguesa onde, durante o reinado anterior, dominava uma moral frôxa, provocada pela união dum rei fraco e obcecado e duma rainha impura e má.

D. Filipa de Lencastre com o seu exemplo, com a irradiação da sua virtude austera e sã, com a influência que o título de rainha lhe dava, torna a corte portuguesa o lar condigno onde se criam e formam heróis, mártires e santos de quem o nosso patriotismo se ufana.

A peregrinação de Janeiro 13

A comemoração litúrgica das aparições e dos acontecimentos maravilhosos de 1917 no dia 13 de janeiro findo foi assinalada por um tempo de autêntica invernia com frio, chuva e vento.

No planalto da Serra de Aire onde se aninha o local abençoado da Cova da Iria, centro de atracção de milhões de corações nacionais e estrangeiros, toda a manhã choveu abundantemente. Só depois da Missa dos doentes é que a chuva abrandou, chegando mesmo a cessar por momentos. O sol ainda espreitou por entre as núvens, mas a breve trecho de novo se toldou por completo, continuando a chover sem interrupção até à noite.

Desta vez a peregrinação à Fátima constituiu por mais um título, e título bastante notável, uma verdadeira peregrinação de penitência. A Santíssima Virgem, na sua bondade maternal, terá certamente convertido essa penitência quasi heróica, de bom grado aceite pelos piedosos romeiros, em fonte copiosa de graças e bênçãos para eles e para suas famílias.

Em virtude do mau tempo, o concurso de devotos ao local das aparições foi assaz diminuto comparado com o seu número habitual nos meses de inverno, orçando, porém, ainda por muitas centenas.

Como era natural, não se realizaram as duas procissões do costume com o veneranda Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se conserva e se venera no seu altar da Santa Capela.

Todos os actos religiosos se efectuaram no interior da igreja das confissões que esteve sempre literalmente cheia de fiéis de ambos os sexos.

Celebrou a Missa oficial e deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentes que eram poucos e a toda a assistência o rev. P.º José da Cruz Perdigão, pároco da Marinha Grande. Ao evangelho fez a homilia, exortando os fiéis a uma devoção cada vez mais fervorosa para com a Santíssima Virgem, como penhor seguro das

graças celestes, o rev. P.º Iginio Lopes Pereira Duarte, pároco da Barreira.

Houve numerosas confissões e comunhões e o número relativamente pequeno de fiéis permitiu que tôdas as comemorações se realizassem num ambiente de intenso fervor e no meio do mais profundo silêncio e recolhimento.

Visconde de Montelo



Igreja de S. José em Singapura, na Indochina, onde está organizado o culto de Nossa Senhora da Fátima

(Ver notícia adiante).

O culto de N.ª Senhora da Fátima Fátima e Estoril A nossa dívida para com o Papa

De Singapura onde vivem muitos Portugueses da Índia e de Macau recebemos a seguinte carta que publicamos para mostrar como lá ao longe no Extremo Oriente os Portugueses continuam a ser os grandes pregoeiros das glórias de Maria.

Church of S. Joseph
Victoria St. 143
Singapore. S. S.
13-10-38

Ex.ª e Rev.ª Sr. Bispo:

Em agosto passado recebi a linda fotografia do quadro em mosaico para o timpano da nova Basílica, que V. Ex.ª teve a amabilidade de me enviar, a meu pedido, para servir de assunto da conferência sobre Fátima. V. Ex.ª levou mais longe a sua generosidade, enviando-me outras lindas fotografias da grande peregrinação de Maio.

Queira V. Ex.ª aceitar os meus sinceros agradecimentos. Nossa Senhora de Fátima se digna pagar tanta generosidade da parte de V. Ex.ª, porque tudo se fez para sua glória e honra! Realizei a conferência com projecções. As fotografias concorreram imenso para dar actualidade e grandiosidade ao assunto. A imensa aglomeração do povo, a procissão das velas, o grupo dos Cruzados da Fátima, o espectáculo imponente dos Srs. Bispos revestidos com as suas vestes pontificais impressionaram o auditório que ficou fazendo ideia do que sejam as grandes peregrinações de Fátima. Como a sala não fosse suficientemente ampla para conter as pessoas que desejavam assistir, resolvi dar 3 Sessões em dias diferentes; uma para adultos, outra para o colégio de meninas da nossa missão, e a última para crianças da catequese. Seria ao todo umas 300 pessoas.

O assunto versou sobre a história das aparições, as peregrinações, o desenvolvimento do culto de N.ª S.ª de Fátima, a vida espiritual intensa de Fátima. Recomendá-lhes a recitação do terço do Rosário em família, o espírito de oração, de reparação e penitência à imitação dos peregrinos de Fátima; a união espiritual com eles nos dias 13 de cada mês.

Graças a Deus, o terço em família, à tardinha, é devoção seguida em muitos lares, ou antes na maioria deles.

A missa com comunhão geral no dia 13 de cada mês em união com os peregrinos de Fátima é hoje um costume já assente entre um bom

número de nossos cristãos de Singapura e Malaca. Hoje, dia 13 de Outubro, festa da última aparição e da última das grandes peregrinações do ano, houve missa a que assistiram para cima de 300 pessoas, e comungaram perto de 250. Distribuíram-se no fim da missa umas 370 medalhas de N.ª S.ª de Fátima. Tenho pena de não ter à mão neste momento as fotografias para a «Voz da Fátima»; irão mais tarde, se Deus quiser; mando uma da nossa igreja e outra mostrando a imagem e o nicho de N.ª S.ª de Fátima. Vai juntamente o final da conferência em que ficou resumida a ideia da conferência.

Termino agradecendo mais uma vez as fotografias e pedindo se dignem dar-nos a sua santa bênção e a esmola das suas orações e sacrifícios.

De V. Ex.ª Rev.ª humilde servo.

P. A. Gonçalves

EM ANGOLA

O culto de Nossa Senhora da Fátima está aqui muito arreigado. Os dias 13 de cada mês são solenizados em todas as paróquias e missões. Todos os cristãos nativos sabem cantar o hino a Nossa Senhora da Fátima e, quando cantam, é com união e entusiasmo! Em 13 de Maio fiz uma alocução sobre Fátima ao microfónio da Emissora de Angola e as internadas do Asilo D. Pedro V cantaram tão bem que muitas pessoas tiveram a impressão que estavam na Fátima a gozar esse espectáculo de maravilha, essa epopeia de fé dos dias 13 de Maio. Aqui é África, mas Angola é terra portuguesa e muito portuguesa, por isso temos obrigação de plantar no coração desta gente a fé, as devoções e os costumes da Mãe-Pátria. Entendo que os laços mais fortes que existem para manter a unidade espiritual da Mãe-Pátria com as suas províncias ultramarinas são os da santa religião católica. Ainda noutro dia me dizia um velho colono: «eu chorei ao ouvir cantar «o Bemdito e Louvado seja», pois fez-me lembrar a minha terra natal».

É consolador para a minha alma de português e de sacerdote ver as igrejas cheias de pessoas de todas as cores e todas as raças aos domingos, nas 1.ªs sextas-feiras e nos dias 13, a comungar dos mesmos sentimentos de fé e de piedade, a cantar, em unisono, os louvores de Deus e da Sua Santíssima Mãe.

(Da carta de um missionário)

(Continuação da 1.ª pág.)

dade e indiferença como se estivesse a brincar com simples bolas e não com a felicidade e talvez a vida de centenas de criaturas. De quando em quando levanta-se um jogador e abandona, com palidez cadavérica, a mesa do jogo. Reúne, num esforço sobre-humano, os últimos restos de energia para não dar a conhecer a tragédia que lhe vai na alma por ter perdido, à roleta traçoelira, o que ainda lhe restava da sua fortuna. Para ele tudo está acabado. E então maldiz, mas tardiamente, o dia em que pela primeira vez trilhou o caminho deste antro de perdição.

Quem vai em peregrinação à Fátima devia visitar também o Estoril para compreender a Fátima em toda a sua extensão e grandeza.

Aqui, no Estoril, os mais ricos dos ricos — ali, na Fátima, os mais pobres dos pobres; aqui, no Estoril, luxo e prazer — ali, na Fátima, oração e penitência; aqui, no Estoril, luz deslumbrante de centenas de candelabros — ali, na Fátima, a luz bruxuleante e simbólica de milhares de velas; aqui, no Estoril, festas e procissões ao deus Mamon — ali, na Fátima, homenagens a Jesus e Maria; aqui, no Estoril, cega e louca confiança na sorte — ali, na Fátima, a mais inteira confiança na mais bondosa e bela de todas as criaturas; aqui, no Estoril, intranquilidade, desespero e paixão — ali, na Fátima, paz, confiança e bálsamo para todas as dores; aqui, no Estoril, regresso ao lar minado de desespero incurável — ali, na Fátima, regresso em paz e indizível felicidade; aqui, no Estoril, despedem-se os ricos sem nada — ali, na Fátima, enchem-se de bens os famintos.

Nós, os felizes que achamos o caminho da Fátima, não atiremos pedras aos ricos do Estoril. Olhem, pelo contrário, para eles cheios de compaixão porque são mais pobres que os pobres pescadores que, à beira-mar da Riviera portuguesa, estendem ao sol as redes para enxugar.

Na vida de cada um de nós há sempre uma Fátima e um Estoril. Também o pobre pode, em espírito, estar amarrado a um Estoril que a fantasia lhe pinta como ideal a atingir na vida. Mas, de que nos servirá a nós o anseio pelo Estoril da fantasia que nunca chegaremos a atingir? Não será um só dia na Fátima, um só dia junto de Jesus e Maria, cem vezes melhor que mil dias no Estoril com todo o seu esplendor? Não preferirás tu, caro leitor, ir pela vida fora com Jesus crucificado e Sua Mãe Dolorosa do que com os pobres ricos do Estoril que, a-pesar-do seu ouro, nunca serão felizes?

Quási nos arrependemos de ter pôsto lado a lado Fátima e Estoril. Fátima e Estoril são uma pura e irreconciliável antítese. Mas como esta antítese se nos depara milhares de vezes na vida, em que riqueza e pobreza se entrecrocavam constantemente uma à outra, seria deshu-

«Os católicos têm hoje uma grande dívida para com o Papa — dizia há tempos, num discurso, o protestante Hore Belisha, ministro do governo inglês. Tinha razão o político britânico. Os católicos têm realmente uma grande dívida para com o Papa.

Trabalhador incansável, esquece os seus oitenta e um anos de idade, minados pela doença e pelo sofrimento e aos médicos que o querem ter de cama, responde que não tem tempo para estar doente.

Papa da Acção Católica, que nella tem «a menina dos seus olhos e a fibra mais sensível do seu coração» chama os fiéis a unir fileiras em volta da hierarquia, para a restauração das almas em Cristo e hoje pode observar-se, com grande júbilo, o rejuvenescimento religioso e cristão que vai pelo mundo fora.

Papa das Missões, a Acção Missionária, com o seu impulso e protecção atingiu uma elevação e um esplendor que jamais tivera. A Árvore da Igerja tem crescido a olhos vistos e estendido os seus frondosos ramos às mais inhóspitas regiões da África e da Ásia.

Papa das concordatas, ele tem por meio de acordos entre a Santa Sé e vários governos, regularizado a situação dos católicos em vinte e tantos países que oficialmente se comprometeram a respeitar a liberdade de crenças e de acção a que os fiéis têm direito.

Sentinela vigilante, está sempre alerta de guarda à Verdade, à Justiça e aos bons costumes.

«Fides intrepida» — defensor intrépido da Fé, corta à direita e à esquerda, sem temer perseguições nem ameaças, sem se acobardar diante de ninguém. Condena o comunismo russo e francês, desmascara o nazismo de um Hitler arrogante e a um Mussolini ambicioso que lhe pretendia roubar o apostolado da Juventude italiana, responde enérgica e categoricamente que não abdicará dos seus direitos com pena de o Papa ter que voltar para as catacumbas.

E o prestígio e a influência que ele tem conquistado no mundo não católico para si e para a Igreja?

Homens de saber e de elevada posição que se proclamavam inimigos da religião, curvam-se hoje reverentes e agradecidos perante o Papa.

«Em Roma, um velho para quem sobem as nossas homenagens renova a tradição dos grandes Papas protectores da fraqueza ultrajada» exclama Herriot, velho e categorizado socialista francês e como ele muitos outros que a falta de espaço nos não permite mencionar.

E que nesta hora em que a fraqueza é espezinhada e só a força bruta das canhões pretende constituir a suprema norma do direito, a humanidade de maneira alguma poderá esquecer a acção de Pio XI em favor dos fracos e dos oprimidos.

O mundo há-de lembrar-se, eternamente reconhecido, dos seus carinhos e desvelos paternais para com as criancinhas da Rússia e de Espanha e da protecção que, desinteressada e cristãmente está dispensando aos pobres judeus, vítimas duma iníqua e infame perseguição por parte dos governos racistas da Itália e da Alemanha.

Outro-sim há-de para sempre fi-

mano não focar aqui esses dois símbolos e realidades.

Fátima é mil vezes mais bela, soberba, encantadora e deliciosa que o Estoril. Fátima com a sua fé, com a sua confiança em Deus, com o exemplo das suas virtudes, com o seu amor de Jesus, com a sua Imagem miraculosa, com a sua paz, com a sua indizível felicidade é o lugar onde «Portugal e todo o mundo pode ver donde vem a luz que ilumina as trevas».

DR. LUIS FISCHER

car gravada na memória dos homens a maneira enérgica e formal como condenou esse mito, essa nova «religião da raça» que para engrandecer a pureza dum sangue lendário ameaça cortar os já fracos laços de fraternidade que por ventura ainda ligam os povos e converter-se em fonte inexgotável de dissídios, de ódios e de lutas.

E, falando em lutas, quem poderá jamais olvidar o que Pio XI fez em favor de Paz? — Quando em setembro último se avolumava no horizonte o espectro horrendo da guerra, mobiliza as forças pacíficas mas invencíveis da oração mandando fazer preces no mundo inteiro e ele mesmo faz a Deus a imolação da sua vida para os homens terem o benefício da paz. «Nós oferecemos para salvação e paz do mundo, o holocausto de uma vida já longa, quer o Senhor da vida e da morte no-la queira levar, quer, pelo contrário, prolongar ainda mais os dias de labor do operário aflito e cansado».

Estas palavras de Pio XI impressionaram tão profundamente o mundo que de toda a parte chegaram ao Vaticano cartas e telegramas de agradecimento.

No dia 6 e no dia 12 passam respectivamente os aniversários da eleição e coroação do Sumo Pontífice. Datas memorandas, devemos aproveitar a sua passagem para pagarmos ao Papa a nossa dívida de gratidão e amor.

Hoje que S. Santidade tanto sofre com a sua impertinente e dolorosa doença, e que as fúrias racistas do nazismo alemão fazem chover sobre ele uma chusma de blasfêmias e insultos proclamemos bem alto o nosso reconhecimento para com o augusto sucessor de Pedro, para que N. Senhor o conserve e o livre das mãos dos seus inimigos.

Uma senhora consegue reduzir meio quilo de peso por semana, durante 20 semanas.

Encantada com o sucesso obtido

Gostaria de perder 10 quilos da sua gordura em 20 semanas e sentir, ao mesmo tempo, aumentar a sua energia e revigorar a sua saúde?

Pese-se ainda hoje, registre o seu peso, compre um frasco de Sais Kruschen, tome meia colher de chá destes sais, num copo de água morna, todas as manhãs, durante um mês e torne-se a pesar. Ficará maravilhada com a diferença de peso. Uma senhora de Fafe, que fez esta experiência, escreveu-nos dizendo que os Sais Kruschen operaram verdadeiros prodígios. Pesava 69 quilos há 5 meses. Agora pesa apenas 59 e sente-se muito melhor. Está radiante, por ter tomado Kruschen.

Kruschen combate a causa vulgar da gordura, por limpar o organismo das substâncias alimentícias não digeridas e dos detritos acumulados. Desde que estes detritos não sejam regularmente expelidos, a natureza converte-os em tecido adiposo.

Os Sais Kruschen vendem-se em todas as farmácias.

Velas de cêra

Com pavio quimicamente preparado para consumo económico

Campo Mártires da Pátria, 103

MIGUEL DE OLIVEIRA, SUCR

D. Teresa de Saldanha e as suas Dominicanas

Com este título acaba de sair do prelo um volume de história, de piedade e de literatura, devido à pena de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo de Ossirinco, D. João Evangelista de Lima Vidal.

Todo ele gravita em volta da figura admirável da fundadora da Ordem Terceira das Religiosas Dominicanas Portuguesas.

Sai assim da sombra, onde parece que se regalava a sua humildade, uma santa dos nossos tempos.

Este livro não pretende exaurir o assunto e muito menos ser um livro de crítica minuciosa e severa, de erudição paciente, de profundidades históricas.

O autor, limitou-se a cantar uma quadra devota à beira do seu sepulcro.

A edição não obedeceu a nenhum critério ou pensamento de lucro.

— O melhor que puderem, o melhor que tiverem — disseram as Dominicanas para as oficinas — ainda que fiquemos por largo tempo a mendigar o nosso pão pelas ruas.

E não passará o livro, assim composto, assim enfeitado, de uma moeda de dez escudos.

As gravuras, tiveram de se juntar num álbum à parte, em número

de mais de sessenta, que em breve aparecerá também. E não custará mais de três escudos.

A edição bem apresentada é da Escola Tipográfica do Couto de Cucujães. O livro está à venda em todas as livrarias e nas Casas das Irmãs Terceiras Dominicanas Portuguesas.

A «Voz da Fátima» agradece os exemplares oferecidos.



Um inteligente operário inglês, disse:

— Para trabalhar melhor, mais facilmente, com energia e vontade, precisamos de 3000 calorias diárias. Não sendo bebido em excesso o vosso vinho do Porto fornece abundantes calorias.

Pedir sempre aos vendedores de jornais as «Novidades», porque, se eles as não trazem, é porque não lhas pedem.

Graças de Nossa Senhora da Fátima

NO CONTINENTE

D. Maria Ermelinda P. da Silva Peixoto — Moledo do Minho, em carta de 17 de Setembro de 1935, diz o seguinte: — «Havia 5 anos que eu sofria de dores de cabeça insuportáveis, insónias continuadas sem nunca poder descansar nem dormir, tendo ao mesmo tempo crises terríveis do coração, o que tudo me impedia de sossegar uma noite sequer no espaço de 5 anos de duro martírio e mal-estar causado pelas frequentes vertigens e tonturas de cabeça resultantes da falta de dormir.

Uma noite em que o mal parecia atingir proporções desmedidas, senti-me desanimada pois que via que nem os médicos nem os seus remédios eram potentes para debelar o meu mal. Recorri então a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe com lágrimas que se compadecesse de mim, pobre viúva e sem saúde, e de minha filhinha de 8 anos, órfã e doente também. Fiz também algumas promessas a Nossa Senhora da Fátima. Depois de tudo isto, entre lágrimas bem pungentes, adormeci, o que havia já 5 anos não conseguia fazer.

De manhã, ao acordar, fiquei admirada de ter dormido, e senti-me bem, sem dores nem perturbações, e bem disposta para o trabalho. Nunca mais tive insónias, dores de cabeça, nem crises do coração. As vertigens que amiúde tinha durante o dia desapareceram. Há já um ano que me sinto curada, graças a Nossa Senhora da Fátima que ouviu as minhas preces. Já fiz por cumprir as minhas promessas faltando-me apenas a publicação da minha cura, o que hoje venho pedir, como havia prometido».

D. Rosa da Costa Meira — Barroelas, tendo recebido uma graça particular, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima, deseja aqui publicar o seu agradecimento a Nossa Senhora por lhe ter alcançado tal favor.

D. Gracinda Pereira — Regilde — Felgueiras, vem agradecer a cura de sua irmã Maria da Conceição Pereira, gravemente doente e cujo mal a medicina não conseguia debelar. Invocando o auxílio de Nossa Senhora da Fátima em favor da doente, por diversas pessoas amigas e de sua família, foi obtida a cura de que a doente tanto carecia.

Do rev. P.^o António Dias Correia — S. Mateus de Oliveira — Famação, foi recebido na Administração da «Voz da Fátima», o relatório seguinte: — «A sr.^a D. Rita de Oliveira, minha parouquiana, sofre há muitos anos de diabetes e albumina em elevado grau. Em Junho findo café de cama com um antraz que lhe nascera no queixo inferior e que dentro em breve rebentara provocando-lhe uma enorme ferida, que lavrava pelo rosto, assustadoramente. A medicina, perante um caso tão grave, confessou-se incapaz de lhe atalhar o mal. Nesta altura de desânimo, lembrei-me da água da Fátima que a enfermeira logo conseguiu no Pôrto. Depois de ter contado à doente casos extraordinários obtidos com a água da Fátima, animel-a a beber desta água com muita fé. No dia do Corpo de Deus ofereci a Santa Missa em honra de Nossa S.^a da Fátima, comungando muito povo e a própria doente, por sua intercessão. A doença, porém, agravava-se e com ela aumentava o desânimo dos médicos, mas aumentavam também as orações da freguesia inteira pedindo a cura desta senhora que tanta falta fazia a esta terra. Em Agosto, o mal começou a declinar, e os médicos são os primeiros a dizer que uma mudança extraordinária se operava na doente.

Quando já tudo corria normalmente, numa perna da doente apareceu um tumor profundo que lhe causava horríveis dores. Era necessário uma intervenção cirúrgica, e quando tudo se preparava para isso,

o mal desapareceu inesperadamente. No dia 5 de Setembro a sr.^a D. Rita sentava-se junto de seu marido sem dores nem ferimentos».

(a) P.^o António Dias Correia

D. Maria da Purificação Peixoto — Ermelo — Mondim de Basto, diz: — «Estando prestes a dar à luz uma criança e encontrando-me em grandes dificuldades recorri à poderosa intercessão de Nossa Senhora da Fátima, fazendo ao mesmo tempo uso da água do seu Santuário, e prometi mandar publicar a graça se Nossa Senhora se dignasse fazer desaparecer essas dificuldades. Como fui atendida, venho cumprir a minha promessa, agradecendo, desta maneira à minha boa Mãe do Céu».

D. Ana Soares — Gulpilhares, diz: — «Tenho sofrido há bastantes anos de moléstias interiores, e consultado diversos médicos, embora tudo sem resultado. Já desanimada de tanto sofrer, fiz uma novena a Nossa Senhora da Fátima e pedi-lhe com muita confiança que me curasse, que eu publicaria nas colunas deste jornal a graça da minha cura, se eu fôsse merecedora de a obter. Como me sinto restabelecida de tantos sofrimentos, venho agradecer à nossa boa Mãe do Céu tão grande favor que me concedeu».

Alfredo Pacheco Saraiva Cabral e Amaral — Coimbra, diz: — «Uma minha criada, de nome Delfina de Jesus Baptista, adoeceu gravemente em Junho passado, com uma pleurisia. Recorreu à Virgem Nossa Senhora da Fátima para que lhe alcanças-

se de Seu Divino Filho as melhoras desejadas.

Felizmente, a doente restabeleceu-se, e vem por isso agradecer a Nossa Senhora a graça das suas melhoras. Envia uma esmola que prometeu a Nossa Senhora».

D. Raquel Ferreira Felizardo — Benedita, diz ter tido seu pai, já de 75 anos, gravemente doente da bexiga. Não achando alívios na medicina chegou a ir a Lisboa para ser operado. Receando-se, porém, a sua operação por causa da sua idade já avançada, depois de alguns tratamentos, regressou a casa onde entregaram a sua cura à protecção de Nossa Senhora da Fátima. Começaram desde logo a notar-se algumas melhoras, e hoje, diz encontrar-se completamente curado.

Pelo rev. Pároco de Alcácer do Sal, foi feito a 20-11-1935 o pedido seguinte: — «Conceda-me, Ex.^{ma} e Rev.^{ma} Sr., por caridade, um cantinho da nossa «Voz da Fátima» para publicamente manifestar o meu agradecimento eterno a Nossa Senhora da Fátima por duas curas obtidas por sua maternal intercessão: — **Maria Lúcia Carvalho Sant'Ana**, sofria horrivelmente dos intestinos, e no ano passado, agravaram-se-lhe os padecimentos a tal ponto que, depois de consultar alguns médicos julgou não mais se poder achar bem. Desamparada da medicina, mas cheia de fé e confiança na Consoladora dos Afritos, volta-se para Nossa Senhora da Fátima, e lá vai na peregrinação de Alcácer do Sal, ao Santuário da Fátima para aí junto

ouvir isto; mas eu hei-de lho contar. Nunca ninguém me tinha explicado tudo assim tão por miúdo... — Então, adeus, que me estou a ralar e os pequenos estão empenujados com frio. — Adeus! E a sr.^a Júlia foi direita a casa muito pensativa... L. P.

Peditórios para quê?

«Apre, que é de mais! Até parece a fazer pouco!... Pedinchões duma fígala! Vá pedir à terra que o criou que talvez lá haja mão mais larga... Pois não?!» ia a dizer a sr.^a Júlia, a mulher do empreiteiro, aconchegando o seu chale peludo, quando saía da igreja. Nisto dá de rosto com a sr.^a Quitéria que ia para a doutrina com um rancho de filhos agarrados à barra da sala.

— Então que é? — Preguntou ela à sr.^a Júlia. — Vai para lá, vai, que o sermão está engraçado... Ah, mulher, venho aqui tão fora de mim que nem me benzê à saída.

— Mas que foi? Alguma carapuça... — Qual carapuça! É que este nosso Padre não se farta de pedir.

— Deixa lá; quem pede agrada a Deus... e quem dá, ainda mais... — Não é nada disso, é que não nos deixa coaltar um tostão na algibeira.

— Ora!... muitos acatulam-se bem. — Então ainda outro dia aqui pediram para S. Pedro, depois para os pretos, depois para o Seminário... agora já me está a dizer que é preciso tirar as bulas, que já estamos em Fevereiro e que as outras caducaram!... Está boa! Então quanto se ganha a pingar tudo na igreja? Este ano tire-a quem quiser; quem não tiver mais em que gastar o dinheiro...

— Mas há-de ser tu a quem a vida mete medo... Embora lá ia a igreja e a pobreza, se tu lhes desesses só que fosse tanto como um cominho do que te sobra e que gastas mal gasto.

Olha, tenho este ranchinho que tu vês e não tenho tantas freiras como o dia de amanhã. Deus aperta mas não afoga.

E depois ainda, se te fôsse preciso cortar um pouco pelo luxo, pelas festas e pelos bons bocados para acudir às necessidades e cumprir os teus deveres religiosos, não davas essas sacri-fícios por bem empregados? Olha, mulher, não é a riqueza e tudo o que a terra come que nos faz felizes.

— Também eu assim pensava em solteira; mas apenas me casei, o primeiro trabalho do meu homem foi tirar-me essas coisas da cabeça.

— O teu homem é como o pai dele, que pertencia à «freguesia branca».

e ajudou a vender os bens da nossa igreja. Gente dessa não se deve estranhar que digam tais coisas... Ora tu que recebeste o sinal da cruz na testa logo ao nascer... até parece mal!

— Mas o meu Augusto fala... fala... e eu acho-lhe razão. Há certas coisas que bulem cá por dentro comigo. Então vai a gente comprar um papelito e já pode comer carne; sem o papel não se pode comer? Sempre tem muita graça!

— Isso são razões que o teu homem discute na taberna com os outros, já com meia mão de verniz... O papel não vale nada, minha tola! O que vale é a esmola que nós damos, segundo as nossas posses, e que vai em desconto dos nossos pecados. Tu já ouviste muitas vezes o que diz Nosso Senhor: que é preciso fazer penitência para se entrar no Céu. É por esta razão que nós somos obrigados ao jejum. Ora o Santo Padre, com o poder de Vigário de Cristo, concedeu-nos que, em certos dias, para comodidade nossa, em vez de fazermos penitência pelo jejum, a fizéssemos pela esmola, porque a esmola, como nos ensinaram a crer, também perdoa os pecados.

— O meu homem com que lhe dá é que, cá na terra, ninguém da família dos Crespos tira as bulas, não jejuam, comem carne todo o ano e que lhe não fura a tripa.

— Está bem, mulher! Mas isso é gente que não quer nada da Religião e com quem Deus também não quer nada. Não viste tu como o Crespo velho foi enterrado: sem bênção da estola, sem um borriço de água bendita, nem um palmo de chão sagrado? Morreu, Deus me perdoe, como os burros dos ciganos.

Só os enterram porque são obrigados.

— Mas olha lá; para onde é que vai tanta soma de dinheiro?

— Para as grandes necessidades da Igreja, para as obras de beneficência, para a sustentação dos Seminários. Achas que não é campo que baste para o gastar?

— O Augusto havia de gostar de

da que é o Socorro dos doentes lhe pedir a sua cura. Admitida como doente à respectiva missa no dia 13 de Setembro de 1934, recebe a bênção do SS. Sacramento, bebe da água do Santuário, e o mal que a tinha acompanhado até então, desapareceu, podendo ela assim fazer uma bela viagem de regresso a Alcácer sem incómodo algum.

Maria do Carmo Sant'Ana Nuncio, que há anos teve uma doença grave a ponto de não só sua família senão também a medicina a julgar perdida, sua avó e sua mãe confiantes no amor da Mãe do Céu e sabendo-A Saúde dos Enfermos, imploraram-na com tão fervoroso amor! e tendo obtido um pouco de água do Santuário da Fátima, dão à doentinha uns golinhos, e a doentinha que quasi já parecia um cadáver, naquele mesmo instante reanima-se. Continuam dando da água à doente e as melhoras acentuam-se cada vez mais a tal ponto que, oito dias decorridos, a doente brincava já no amoroso convívio doutras meninas, com surpresa dos médicos e das pessoas que a viram quasi morta. Hoje tem 15 anos, está cheia de vida e é chefe duma trezena de Cruzados de Nossa Senhora da Fátima.

Deus seja bendito, e bendita seja Sua Mãe Maria Santíssima!

NA INDIA

EM DAMÃO

D. Zemira Sousa e Gama — Damão, agradece à nossa boa Mãe do Céu, — Nossa Senhora da Fátima a

ouvir isto; mas eu hei-de lho contar. Nunca ninguém me tinha explicado tudo assim tão por miúdo... — Então, adeus, que me estou a ralar e os pequenos estão empenujados com frio. — Adeus! E a sr.^a Júlia foi direita a casa muito pensativa... L. P.

ouvir isto; mas eu hei-de lho contar. Nunca ninguém me tinha explicado tudo assim tão por miúdo... — Então, adeus, que me estou a ralar e os pequenos estão empenujados com frio. — Adeus! E a sr.^a Júlia foi direita a casa muito pensativa... L. P.

Voz da Fátima

Despesa	
Transporte	1.731.353\$16
Franquias, emb. trans- portes do n.º 196 ...	5.393\$83
Papel, comp. e imp. do N.º 196 (370.636 ex.)	16.714\$08
Na administração ...	152\$90
Total	1.753.613\$97

Donativos desde 15\$00

Ana Formigal Moraes—Lisboa, 20\$; Maria P. Lopes — V. N.º de Fozcoá, 20\$00; Joaquim Alvaro — Rio de Molinhos, 20\$00; Rita Fagundes e Mariana Augusta — Açores, 40\$00; André Chichêro — Monforte, 20\$00; M.^a Isabel Russo — Cab. de Vide, 26\$00; António Marques — S. João de Arelas, 20\$00; Mário Augusto—Brasil, 15\$00; Maria Otília Amaral — Açores, 20\$00; Manuel Gonçalves Almeida — Franca, 18\$65; Francisco Luis — Proença-a-Nova, 15\$00; Laura Barbosa — S. Gens, 15\$00; João Parente — V.º do Castelo, 15\$00; Margarida de Abreu — Penafiel, 15\$00; Cecília Tórreres Freire — Veiros, 50\$00; Maria Póvoas Silva — Mangualde, 20\$00; Elmina da Cruz Corte — Madeira, 50\$00; Fernanda de Melo — Pôrto, 20\$00; Elzira Pimenta — Braga, 20\$00; Eligénia Pinto — Vila Flor, 20\$00; Maria L. Barbosa — Braga, 20\$00; Maria Rita Cunha — S. Marta, 20\$00; António Pereira — Dakar, 21\$60; José O. Batata — França, 20\$00; José Dias — Seminário — Olivais, 15\$00; N.º 3573 — ? 20\$00; Adelaide Breyner—Santarém, 20\$00; Alberto Quita Quita — Alc. do Sal, 25\$00; Maria Isabel Russo — Cab. de Vide, 26\$00; Laura Legas — Lisboa, 15\$00; José Ribeiro — Lisboa, 20\$00; P.º Abílio Mendes — Barreiro, 150\$00; William Sage — Cantão, 520\$00; Maria R. Sousa — América, 1 dólar; Abílio dos Santos — Pôrto, 15\$00; Francisco Concelção — Benavente, 20\$00.

graça alcançada em favor de sua filhinha Maria de S. José que engulira um alfinete, vendo-se livre do perigo depois de sua mãe ter recorrido a Nossa Senhora da Fátima. Cheia de reconhecimento e em cumprimento da sua promessa enviou uma esmolinha que coligiu para o Santuário de Nossa Senhora.

D. Maria Aida Isabel Xavier Machado — Damão, cheia de reconhecimento para com Nossa Senhora da Fátima, agradece publicamente no seu jornal, como prometera, a graça da cura de sua filha Carolina que estivera gravemente doente, enviando também uma esmola para o Santuário da Fátima.

NOS AÇORES

D. Tereza Beatriz Pedro Furtado — Horta, vem agradecer a Nossa Senhora da Fátima o ter alcançado a saúde para seu pai já velhinho e doente e a quem os médicos não julgavam já cura humanamente possível.

Agradecem graças alcançadas por Nossa Senhora da Fátima, diversas pessoas de Lages das Flores — Açores, cujos nomes se seguem: — D.^{as} Filomena V. Vieira, Margarida da T. Vieira, Maria Gomes Armas, Emília P.^a Gomes, Ana de F. Trigueiro, Maria de J. Gomes, Maria Emília Júlia, e Izaura Arminda Gomes. José P. Gomes, José Noia Vieira, e Francisco José de Mendonça.

NO BRASIL

Joaquim Benedito dos Santos, natural da freguesia de Espite e residente no Brasil, — Estado de S. Paulo, pede aqui seja manifestado o seu reconhecimento a Nossa Senhora da Fátima por diversos favores que por Ela foram concedidos a si-próprio e a outras pessoas da sua família e amizade que o encarregaram de pedir a publicação do seu agradecimento a Nossa Senhora da Fátima.

Da carta circular aos devotos de Nossa Senhora da Fátima

«THANKSGIVING» de 13 de Outubro de 1938

Singapura. A minha filha mais nova esteve muito doente e o médico deu-a por perdida. Recorri a N.ª S.ª da Fátima, e ela está agora inteiramente curada. Depois, a minha filha mais velha esteve tão doente com bronquite e malária que o médico perdeu as esperanças. De novo recorri a N.ª S.ª da Fátima e ficou curada. Ultimamente tendo trabalhado por oito meses para alcançar um emprego pedi a N.ª S.ª da Fátima para me conseguir. Com satisfação posso dizer que fui despachada e por isso estou muito agradecido a N.ª S.ª da Fátima.

M. B.

Singapura. Agradeço a água da Fátima que me mandou. Uma gota dela usei-a com o remédio e outra gota apliquei-a à parte doente. As injeções faziam-me sempre sofrer muito, e estas dores duravam todo o dia. No 1.º dia em que rezei uma pequena oração e apliquei uma gota de água à parte que devia ser injectada, não me tornou a doer, nem foi preciso ficar mais na cama depois das injeções, como antes. Consideramos isto como um favor de N.ª S.ª da Fátima.

M. B.

Grças à dulcíssima Mãe da Fátima por me ter curado a minha cunhada de uma forte ataque de wite leg depois de uma operação abdominal com dores de parto. No dia em que me informaram do seu crítico estado mandei-lhe logo um pouco de água da Fátima que tinha, e fiz a promessa de a publicar, implorando à nossa boa Mãe para a curar e conservar a minha cunhada aos seus tenros filhinhos. Graças à N.ª S.ª por mais este favor.

B. B.

CRÓNICA FINANCEIRA

O gado é uma das mais importantes fontes de receita de vastas regiões do nosso país. A Província de Entre Douro e Minho e grande parte das Beiras, tiram do gado o melhor das suas receitas. Infelizmente o gado está a rastos de barato e é essa uma das principais razões da miséria por que estão passando aquelas terras.

Na reunião que a lavoura norte-nha realizou em Braga a 10 do passado mês de Janeiro foi este problema debatido com largueza e conhecimento de causa e postos em evidência os motivos que fizeram baixar o gado nos nossos mercados.

A primeira e principal dessas causas foi a baixa sofrida pelos gados nos mercados americanos a partir de Setembro de 1937. A baixa da carne de vaca foi tão rápida nos Estados Unidos que o seu preço em Fevereiro de 1938 era apenas metade do que fora cinco meses antes. Claro que os compradores de gado de Lisboa e Porto, tendo possibilidade de se abastecer nas Américas por melhor preço, deixam de comprar o gado nacional e este tem de baixar por força, se lhe não acudir com o auxílio judicioso das pautas alfandegárias.

Foi aliás o que fez a Inglaterra em cujos mercados a carne de vaca se

manteve indiferente à baixa de preços dos mercados americanos, efeito este que não poderia ser obtido sem uma protecção pautal judiciosamente aplicada. O mesmo remédio reclama a lavoura nortenha do Governo português e só é de lamentar que o não tenha feito há mais tempo.

A lavoura de Entre Douro e Minho, na sua reunião de Braga, chegou à conclusão de que o gado em Portugal precisava de ser sujeito à mesma política pautal que o milho. De há muito tempo que entre nós se segue com o milho uma política pautal extremamente judiciosa e eficaz. Se o milho encarece a ponto de se seguir com o milho uma política pautal extremamente judiciosa e eficaz para as classes pobres, o Governo facilita a importação deste cereal e o seu preço baixa. Se pelo contrário houver grande abundância de milho no mercado nacional, o Governo dificulta ou proíbe a importação e o preço deste cereal mantém-se em nível compensador para o lavrador que o produz. A lavoura do Norte pede ao Governo que a mesma política seja adoptada para o gado, à semelhança do que fez a Inglaterra e outros países estrangeiros.

Mas esta não é a única razão por que o gado se vende mal. Queixa-se a lavoura de que os negociantes de carnes lhe pagam pelo gado pre-

ços de miséria e levam ao consumidor pela carne preços exagerados. Contaram-se na reunião de Braga exemplos... edificantes em abono destas queixas cuja razão ficou de sobejo demonstrada. Para evitar estes abusos, foi deliberado que as Câmaras Municipais de Entre Douro e Minho, de comum acordo, regulassem o preço do gado e o das carnes de modo a refrear a ganância dos intermediários, reduzindo os seus ganhos aos limites do que é legítimo.

Foi o problema das carnes que mais pôs em evidência na reunião de Braga as vantagens que a lavoura, sobretudo a pequena lavoura, pode tirar da sua organização. Se a lavoura estivesse organizada, ela mesma abriria em Lisboa e Porto talhos por sua conta, e os intermediários teriam de se sujeitar aos preços por eles estabelecidos. A experiência foi feita no Porto e em outras terras com óptimo resultado e se se não tem generalizado e mantido, não é por falta de resultados económicos, mas por falta de força para resistir às pressões que de fora se exercem contra eles e os esmagam. Mas este ponto fica para outro artigo que este já vai no fim.

Pacheco de Amorim

C. S. F. N.º 202

— Tic, tic, tic...

A agulha picava, picava, o carro da linha desandava vertiginosamente e a roda parecia que fumegava ao movimento acelerado do pedal.

Era uma linda rapariga, a Maria Madeira! Bonita como poucas, mas mais amiga de se enfeitar e de se pavonar pode dizer-se que não havia outra naquelas redondezas.

— Tic... tic... tic...

O andamento da máquina relentava agora até que paralizou por completo. Com os olhos cavados e o rosto, cuja fadiga o carmin não conseguia disfarçar, apodado nas mãos, a jovem costureira quedou-se a meditar.

Era sábado gordo. Trabalhara todo o dia como uma moira e, ao contrário do que sucedia com tantas outras do mesmo ofício, tinha ali obra para toda a semana seguinte.

Sim, fora um achado aquela senhora que lhe confiara o enxoval da afilhada...

A petiza entrava em breve para o colégio, mas, ela, Maria Madeira, a rainha de todas as festas baírristas, é que não ia ficar amarrada à costura nos três dias de carnaval. Se os velhos estavam a contar com isso, muito enganados andavam...

Os velhos era aquela pobre mãe tarada e alcoólica, era aquele pai gastado mais pela rudeza da vida que pelos anos, gaseado da Grande Guerra, cuja modesta pensão era o único fundo certo para a subsistência dos três.

— Não! E ergueu-se resoluta. Tinha direito à vida, a gozar como as outras... E, para começar, ia já dar uma volta ao vestido de seda, comprado em segunda mão, que fizera a sua glória no casamento de uma amiga e, depois, no verão, em vários passeios aos domingos.

Mas o vestido que a rapariga mirava agora consternada estava já, na verdade, incapaz, embora lhe encurtasse ainda as mangas e lhe alargasse o enebado decote...

Na torre próxima soaram algumas badaladas. Tão tarde! Dentro em pouco as lojas fechariam e era preciso comprar ou alugar outro... Depressa... de-pressa... comprar ou alugar... O quê e com quê?

Ao lado da máquina uma rima de lençóis, já rematados e marcados, falavam de conforto e arranjo no casacalho do miserável lar... Constituíam um valor, um capital como outro qualquer... Não? Pertenciam... Mas que importava? Num movimento brusco, agarrou-os, envolveu-os numa velha coberta de chita, sobraçou-os e saiu. Pouco depois, sobre o catre da Maria Madeira, refulgia uma espantosa toilette, embora já —

pelo menos — em meio uso, contra o negro sedoso de um domiño...

Pela mesma hora entrava na casa de penhores ao cimo da rua uma senhora ainda nova, trajando com elegante simplicidade.

— V.ª Ex.ª deseja?... inquiriu o homem ao balcão, olhando por cima das lunetas a invulgar ciente. Todavia não era a primeira vez que ela lhe arrancava, pela restituição de miseráveis quantias, objectos pertencentes à gente pobre do bairro e que depois, em leilão de penhores, lhe teriam dado bom interesse...

Com um curto aceno de cabeça à guisa de satisfação e como se os lábios se recusassem a articular qualquer palavra, a senhora entregou-lhe um papel e uma nota de vinte escudos e, enquanto ele se dirigia para o fundo da loja, pôs-se a olhar confrangida em roda de si.

Quanta miséria — física e moral — não representava aquêle amontoado de objectos de toda a sorte! Além jóias, uma guitarra, um violino, roupas... Aquel uma máquina de escrever, loiças, livros, uma pilha de lençóis novos que pareciam mesmo chegados da loja ou da costureira...

Sem saber porque a senhora estendeu a mão, tateou o pano e ficou primeiro com indiferença, depois com curiosidade a marca a vermelho no canto do lençol: C. S. F. n.º 202.

Curioso, na verdade: era a marca exacta do enxoval da sua afilhada e significava: Colégio de Santa Filomena, aluna n.º 202.

— Posso saber quem trouxe aqui estes lençóis? perguntou ao homem que lhe entregava um pequeno cordão de ouro com uma medalha.

E como ele resmungava qualquer coisa que soava a uma objecção:

— E se eu puder provar que estes lençóis me pertencem?

— Ah! nesse caso, acudiu o homem pressuroso. Coném que nos entendamos. Certamente V.ª Ex.ª não quer ver o seu nome envolto em questões com a polícia...

Nos três dias de carnaval a Maria Madeira mal parou para comer e para dormir. Passeou, brincou, ballou, gozou!... Mas na terça-feira à noite já não pôde voltar a sair, atacada de pneumonia dupla. O médico, chamado por uma caridosa vizinha, declarou o caso de extrema gravidade.

Pobre Maria Madeira! Pobre bonequita anfatuada! Que vai ser dela!... Sem ninguém que lhe fale da alma, sem ninguém que lhe ensine o meio

de aproveitar os últimos dias — talvez as últimas horas — duma vida malbaratada, sem gula nem rumo?...

Agora o vermelho das suas faces não é postição; pinta-lhas a febre intensa que a devorará rapidamente, enquanto a tosse a sacode sem piedade, ameaçando desfazê-la...

A Providência, porém, não abandonara a Maria Madeira: não tinha sido o acaso que colocara os lençóis empenhados por ela sob o olhar compassivo da pessoa que lhes confiara... Aquela senhora viera procurá-la sem resultado no domingo, na 2.ª e na 3.ª feira, mas voltava na 4.ª de manhã e o triste espectáculo que proporcionava, o estado da rapariga, que ela conhecera uma semana antes cheia de vida e — al — de ilusões, trazia-lhe as lágrimas aos olhos e, aos ouvidos, o eco das palavras que acabava de ouvir na igreja, na cerimónia da imposição das cinzas: *Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris* — Lembra-te, homem, de que és pó e ao pó voltarás...

No domingo seguinte a Maria Madeira, com aquêle fervor que vem tantas vezes às almas que despertam tarde, fazia, em viático, a sua primeira comunhão e três dias depois adormecia suavemente no Senhor...

M. do F.

Tiragem da "Voz da Fatima", no mês de janeiro

Algarve	5.776
Angra	20.508
Aveiro	6.128
Beja	3.686
Braga	87.277
Bragança	14.609
Coimbra	14.512
Évora	5.407
Funchal	18.894
Guarda	23.650
Lamego	12.977
Leiria	16.594
Lisboa	11.766
Portalegre	11.201
Porto	57.350
Vila Real	30.160
Viscu	10.364
<hr/>	
Estrangeiro	350.859
Diversos	3.691
<hr/>	
	370.636

Imagens, estampas e todos os artigos religiosos: há sempre grande variedade na «União Gráfica».

Palavras mansas

Feliz encontro

Vi o sr. P.º Cruz há pouco, numa cerimónia religiosa ao ar livre, debaixo duma chuva inclemente. Fixei-o, como toda a gente em volta, com interesse e veneração.

De batina e viatório, na cabeça um pequeno gorro, que veio substituir a carapuça de retrós, que, mesmo no côro, usavam capitulares, que foram ainda do meu conhecimento. Sobrevivência medieval, discreta e grave, em todas as sés do país, lá se foi enfim, como tantas outras.

Barbeado de fresco, sem uma nódoa, muito limpo o sr. P.º Cruz. A limpeza Deus a amou, como costumava dizer o povo da minha terra. O zelo que habitualmente se torna incompatível com uma apresentação decente, digam o que disserem, é zelo e... desmazêlo. Importa sempre mostrar que se preza devidamente a honra de servir a Deus.

Nas mãos, que tantas bênçãos espalham, tinha o sr. P.º Cruz o Breviário — regra, lição, companhia... Um tesouro de palavras vivas com que a Igreja procura iluminar e aquecer, dia a dia, as almas sacerdotais.

Camilo Castelo Branco tendo recebido na sua casa de Seide, com estima e confiança a visita do Padre Sena Freitas, deixou-o num determinado momento sózinho na biblioteca e saiu por algum tempo. Queria certamente que ele pudesse alternar a leitura com a conversa. Uma gentileza a mais.

Quando voltou, foi-lhe dado notar, com surpresa e edificação, que Sena Freitas, no meio de tantos livros atraentes e reveladores — livros de Camilo! — de pé, junto da janela, lia atentamente o Breviário, fazia, como quem era, a sua reza.

O autor das *Horas de paz* pôde assim verificar que o seu grande e compadecido amigo, irmão do bom Samaritano, amava mais a sua fé, do que amava a língua em que escrevia páginas maravilhosas de estilo, de observação e de crítica.

O sr. P.º Cruz tem uma fisionomia acentuadamente eucarística. Como diz o P.º Janvier, a graça que trasborda da alma, espiritualiza e ilumina as feições. A fisionomia do sr. P.º Cruz, sob este aspecto, é verdadeiramente exemplificativa.

Mas há no seu sorriso fácil e acolhedor um como que fundo de ironia contida e mansa, que se habituou a ver e a julgar definitivamente as vaidades e as loucuras do mundo...

Correia Pinto

FALA UM MÉDICO

XXXIV

A herança e o meio

Não é certo virmos a herdar as terras de nossos pais, muito menos os papéis que eles juntaram com tanto esforço.

É mais provável receber deles as virtudes ou defeitos, a forma do seu nariz ou a cor dos seus olhos.

«Se o filho dum ruim sai bô Lá vem o neto que sai ao avô»

diz o povo na sua rude e sábia linguagem.

As qualidades dos seres vivos dependem dos seus genitores e do meio em que se desenvolvem.

É fácil obter boas qualidades de trigo ou de batatas pela selecção das sementes; é possível criar vacas que dêem muito leite, cavalos que galopem com desembaraço, cães que tenham bom faro para caçar coelhos ou perdizes.

Quando tentamos aplicar ao homem os mesmos princípios eugénicos, esbarramos com dificuldades insuperáveis, pois que o homem difere muito dos outros seres vivos.

Têm avançado muito, ultimamente, as ciências biológicas; mas é preciso não exagerar o valor das suas descobertas.

O excesso de confiança e as deduções, tiradas prematuramente, das

O sr. P.º Cruz não pretende ser um santo triste.

— Ainda se recorda de mim? — Muito bem. Estivemos juntos, dois ou três dias, na residência paroquial de Santa Cruz.

Alegrou-me intimamente esta resposta por me dar a certeza de que tinha vivido um pouco na memória, na estima e nas orações do sr. P.º Cruz.

Há influências obscuras, mas salutares, que, mesmo de longe, condicionam para o bem a nossa vida. Segredos da Providência, formas da graça, às vezes, por virtude delas, quantas tentações vencidas, quantos perigos conjurados!

Há homens que dão com frequência e largueza para que o seu nome tenha publicidade nos jornais ou para que o seu retrato se enquadre numa galeria de honra. Querem só esta recompensa, que é toda deste mundo. O nome esquece bem depressa e vem um momento em que o próprio retrato, por melhores que sejam o desenho e as tintas, é apenas o retrato dum ilustre desconhecido...

Vale mais, muito mais, viver na memória de alguém, que, pelas suas virtudes, nos pode servir de modelo e de exemplo. Vêm-nos daí sugestões, estímulos, bênçãos, até sem darmos por isso.

Quando estive com o sr. P.º Cruz em Baião, houve sobretudo um domingo em que ele nos edificou e confundiu a todos com o seu trabalho esgotante. Ergueu-se, ainda com estrêlas para celebrar a missa, confessou depois por muito tempo, falou — e com que simplicidade e ternura! — na primeira comunhão solene, prêgou o sermão da festa e, de tarde, ainda tomou parte na procissão, entre as crianças, entre grinaldas de flores a despontar...

Pois bem; no fim de jantar, já de noite, muito amável e risonho, ainda nos fez este convite: — *querem ir comigo à igreja para fazermos o piedoso exercício da Via-Sacra? É o remate que está a pedir a festa de hoje, tão cheia de bênçãos e de graças.*

Fomos todos. E na igreja frouxamente iluminada, a-pesar-de se nos figurar mais viva àquela hora a chama misteriosa do sacrário, seguimos com devoção o sr. P.º Cruz, fatigado e doente, a meditar por uma forma singularmente comovedora a paixão e a morte de Nosso Senhor Jesus Cristo...

P. L.